



Lara Franciulli Teodoro de Souza

CURSO – CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO/STANFORD

“O Etapa abriu muitas portas para mim”

Participando de olimpíadas, Lara descobriu que estudar no exterior poderia trazer algumas vantagens, como formar um currículo flexível. Passou na Poli/USP e em três faculdades de referência nos Estados Unidos. Nesta entrevista on-line, feita da Califórnia, ela conta como está sendo sua rica jornada na carreira que escolheu. Com 22 anos, Lara está completando sua graduação em Stanford e já estagiou na Apple, no Google e em duas *start-ups* do Brasil.

JC – Hoje você está em Stanford. Você chegou a ser aprovada em algum vestibular no Brasil também?

Lara – Sim. Eu passei em Engenharia Civil na Poli/USP, inclusive cursei um pouco a Poli, mas, quando saíram os resultados de Stanford, eu parei de ir, então não cheguei a terminar o 1º semestre.

No exterior, além de Stanford, você foi aprovada em outras universidades?

Sim. Eu também passei em Dartmouth e Duke.

Em qual carreira?

Passei em Ciências da Computação, que era o que eu queria estudar, mas poderia ter mudado de curso se eu quisesse.

Como foi sua escolha pela carreira?

No 1º ano do Ensino Médio, eu pude começar a fazer olimpíadas de Informática, e tive um preparo de programação e aulas focadas em aprender a programar em C++. Particpei de olimpíadas de Matemática também, mas gostei mais das olimpíadas de Informática. Isso me incentivou a escolher a minha carreira.

Sair da Poli e ir para Stanford foi uma decisão difícil?

Como eu ainda não tinha completado o 1º semestre na USP, tive que desistir da minha vaga na Poli, não poderia apenas trancar a faculdade. Fiquei bem apreensiva de fazer isso. Eu

fiquei muito feliz quando passei na USP, e o resultado da USP saiu antes do resultado das universidades de fora. Minha felicidade ao ser aprovada na Poli foi bem parecida com a que tive quando fui aprovada nas faculdades do exterior, porque a USP é uma faculdade muito prestigiada, então eu não estava esperando passar. E eu fiz muitos amigos na Poli, fiz mais amigos lá em uma semana do que fiz nos primeiros meses em Stanford. Falo com esses amigos até hoje. Gostei muito da Poli.

Quando você decidiu estudar no exterior?

Eu pensava em cursar a USP mesmo, tinha muito desejo de estudar lá, por isso fiquei muito feliz quando passei. Fiquei sabendo sobre a possibilidade de estudar fora do Brasil quando competi na Olimpíada Paulista de Matemática. Na premiação, foi falado que o governo de São Paulo ajudava a custear bolsas para alunos paulistas que iam para o MIT [Massachusetts Institute of Technology]. Depois, em um evento da Olimpíada Brasileira de Matemática que reúne os premiados na competição, eu soube que as pessoas que participaram da olimpíada estavam indo estudar em outros países. Grandes amigos meus de olimpíadas estavam indo para o exterior, e eles me falaram sobre a experiência de estudar fora do Brasil e que, lá fora, havia a flexibilidade de se poder fazer um curso e também cursar outras matérias fora do currículo desse curso, e isso me atraiu muito.

ENTREVISTA

Carreira – Ciências da Computação

1

ESPECIAL 1

Alunos do Colégio Etapa conquistam medalhas em competições internacionais

3

ESPECIAL 2

Alunos do Etapa participam de torneios de handebol na Europa

6

Das três universidades em que você foi aprovada, Stanford era a sua primeira opção?

Sim, era a universidade dos meus sonhos. O curso de Computação é um dos melhores do mundo. Nela, tem o Vale do Silício, tem incentivo ao empreendedorismo, tem também empreendedorismo social e trabalho voluntário. É uma universidade muito forte não apenas em Engenharia, mas em todas as outras áreas. Duke estava me oferecendo uma bolsa de estudos melhor, porém consegui negociar a bolsa de Stanford mostrando a de Duke, senão ficaria mais difícil optar por estudar em Stanford.

Em linhas gerais, como foi o processo de admissão em Stanford?

Foi bem normal. Tive que fazer redações, entre elas, o *personal statement*, que é uma redação em que você fala sobre a sua vida. Geralmente manda-se essa redação para todas as universidades que você aplica. Para Stanford, você manda outras redações também: uma delas, por exemplo, pede que você escreva uma carta para o seu futuro colega de quarto; outra redação solicita que você conte qual fato histórico você gostaria de ter presenciado. Basicamente, são redações para avaliar se você “pensa fora da caixinha”. Eu fiz os testes padronizados: um teste de língua inglesa, o SAT [Teste de Aptidão Escolar, em inglês Scholastic Aptitude Test], que, na minha época de aplicação, era obrigatório; pedi cartas de recomendação; e fiz uma entrevista, e foi um ex-aluno de PhD da Stanford que me entrevistou.

Em Stanford, você dividiu um quarto com outra colega?

Sim, ela era da Coreia do Sul. Todos em Stanford dividem o quarto no 1º ano de faculdade, você não tem escolha. Você tem que preencher um formulário falando de suas preferências, qual hora você acorda, se você gosta de um quarto organizado ou bagunçado, para que a universidade tente te colocar com uma pessoa que seja compatível com você.

Na pandemia, você ficou nos Estados Unidos ou voltou para o Brasil?

Atualmente, eu já deveria estar formada, mas não me formei ainda porque tirei um ano sabático, ou *gap year*, como se fala nos Estados Unidos, por causa da pandemia. Em vez de cursar o meu 2º ano em Stanford, eu voltei para o Brasil, onde trabalhei como engenheira de *software* em duas *start-ups*. Não foi fácil decidir tirar o *gap year*: eu e meus amigos brasileiros nos reunimos em uma chamada de vídeo para decidir se iríamos tirar esse tempo sabático ou não, e, no final da chamada, todos, umas 9 pessoas, decidiram tirar, listando os prós e os contras de se fazer isso. Em termos de experiência profissional, o *gap year* foi muito bom, porque, quando eu voltei para os Estados Unidos e fui aplicar para vagas de estágio, eu tinha uma experiência de mercado de quase um ano, o que me diferenciou das outras pessoas.

Como foram as experiências nas duas *start-ups* do Brasil?

Quando fiz o ano sabático e voltei ao Brasil, trabalhei, primeiro, numa *start-up* chamada Fluke Operadora, que é uma operadora móvel de celular. Foi meu primeiro trabalho como engenheira de *software*: eu estava trabalhando com toda

a equipe, com clientes reais e tudo, e eu fiquei seis meses nesse emprego. Depois, trabalhei na Truepay, outra *start-up*, que é uma *fintech* para pequenos e médios empreendedores, e essa experiência abriu muitas portas para mim no mercado de trabalho. Aqui, nos Estados Unidos, no final do meu 2º ano de faculdade, trabalhei na Apple. Atualmente, trabalho no Google.

É diferente o que você fazia na Apple e o que você faz, agora, no Google?

Sim, porque as áreas em que trabalhei nas duas empresas são diferentes. Na Apple, eu estava fazendo programação, mas trabalhava na área de *hardware*, enquanto, no Google, atuo na área *software*. A cultura de cada uma das empresas também é bem diferente: na Apple, há uma cultura mais corporativa, e, no Google, há uma cultura em que você está aprendendo o tempo todo, com vários cursos.

Você está com 22 anos e já tem experiência de mercado de trabalho na Apple e no Google. Você se forma quando?

Em junho do ano que vem. Estou pensando em fazer um mestrado também, e, em Stanford, isso é algo que pode ser feito como se fosse um 5º ano de graduação. Você faz mais um ano de faculdade e sai com o diploma de mestrado.

Após fazer um ano de mestrado, você pretende continuar nos Estados Unidos?

Depois de me formar, eu tenho três anos para ficar aqui para trabalhar com o visto de estudante, então pretendo ficar nos Estados Unidos pelo menos esses três anos. Se eu conseguir o visto de trabalho, talvez trabalhe aqui por mais tempo, mas também tenho vontade de voltar para o Brasil, por ser o meu país e por ser onde minha família está. O que é certo mesmo é que vou ficar nos Estados Unidos esses três anos depois de formada.

Voltando para o tempo do Colégio Etapa, o que vem a sua mente?

O Etapa abriu muitas portas para mim. Se eu não tivesse ido para o colégio, aprendido a programar e feito olimpíadas de Informática, não teria descoberto a minha carreira. O Etapa treina e prepara seus alunos muito bem, por exemplo, com a disciplina adquirida através das provas. Eu costumo ir muito melhor em provas que outros estudantes. As pessoas, às vezes, acham que é exagero o ritmo do Etapa, mas eu acho que foi algo bom para mim, pois aprendi a controlar o nervosismo para fazer provas. O Etapa está muito global, com alunos que estão estudando em universidades de ponta no Brasil e em outros países.

Você ainda tem amigos da época do colégio?

Sim, ainda falo com amigos dessa época. Agora, em Stanford, encontro alunos mais velhos que eu que conheci através do Etapa e que estão fazendo PhD na faculdade. Tem muitas pessoas que estudaram no Etapa que eu conheço por meio do colégio, há pessoas que estão até do outro lado do mundo, em outro país, e estamos conectados.

O que você diria para quem está pensando em fazer Ciências da Computação, seja no Brasil, seja em Stanford?

É uma área muito poderosa, e com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades. Atualmente, carros autônomos estão em alta e há um superinteresse pelo ChatGPT, mas tem muitas outras coisas que envolvem inteligência artificial, então é muito importante que você aprenda um pouco de programação para estar por dentro desse meio. E é uma coisa divertida também:

eu me divirto muito com programação. Programar é uma ferramenta que dá para qualquer pessoa aprender.

Você gostaria de dizer mais alguma coisa para os nossos alunos?

Use bem os recursos do colégio, pois isso é muito importante. São recursos que o Etapa oferece para os alunos estudarem fora, para os alunos que competem em olimpíadas, para os que praticam esportes e para os que se preparam para o vestibular.

ESPECIAL 1

Alunos do Colégio Etapa conquistam medalhas em competições internacionais

Alunos conquistam prata no IYPT 2023

Alan Peterman Müller Monteiro, Lucas Hinsching Mostafá e Maria Eduarda Moura Ignacio, alunos do Colégio Etapa, integraram a equipe brasileira que conquistou medalha de prata no Torneio Internacional de Jovens Físicos (IYPT) 2023. A edição deste ano ocorreu entre os dias 18 e 25 de julho, no Paquistão.

A competição é destinada a estudantes do Ensino Médio e contou com a participação de 14 países. A delegação do Brasil foi selecionada a partir dos resultados da edição nacional do torneio.

“Essa é uma olimpíada científica que contribui para a formação dos alunos em múltiplos aspectos. Além de exigir domínio de diversos conceitos da Física, a competição incentiva a ação coletiva coordenada, fazendo com que os jovens se articulem, com o intuito de alcançar os melhores resultados possíveis para suas equipes”, explica Bruno Albuquerque, professor de Física do Colégio Etapa.

Durante o torneio, os participantes precisaram simular uma defesa de tese, sendo avaliados por um júri especializado. “Os alunos traduziram os resultados de suas investigações em relatórios científicos e em apresentações, demonstrando a integridade e a qualidade das soluções elaboradas”, complementa Albuquerque.

Preparação intensa para o IYPT 2023

Em geral, as teses investigadas e defendidas pelos estudantes estão relacionadas a diversas áreas da Física e, muitas vezes, não possuem uma solução conhecida. Por essa razão, elas são publicadas quase um ano antes do início da competição, permitindo que os participantes tenham tempo suficiente para fazer experimentos e pesquisas até se apresentarem ao júri.

“Os problemas propostos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) foram divididos entre os estudantes e cada um deles ficou responsável pela resolução de 3 teses. Os nossos alunos

tiveram a oportunidade de participar de aulas em laboratório e receberam o suporte dos professores durante as pesquisas e a montagem das apresentações”, esclarece Tatyana Stankevicius, professora de Física do Colégio Etapa Valinhos.

Além disso, como as explanações deveriam ser feitas em inglês, os jovens ensaiaram os debates nesse idioma. “Os integrantes da equipe realizaram encontros para treinar tanto as próprias apresentações quanto as avaliações e oposições – outras etapas da competição internacional”, acrescenta Stankevicius.

Os medalhistas
Lucas Hinsching Mostafá,
Maria Eduarda Moura Ignacio e
Alan Peterman Müller Monteiro.

